

Minha história sobre adoção

Ana Maria Rodrigues

Gerente de Secretaria – Comarca de Mercês/MG

Sou funcionária do TJ na Comarca de Mercês desde 1990 e me chamo Ana Maria Rodrigues.

Casei-me em 2002, eu com 34 e meu esposo com 35 anos de idade, e já pensávamos em ter filho biológico, assim como ter filho adotado.

Após dois anos, não consegui engravidar naturalmente. Fiz primeiramente uma inseminação artificial e cheguei a ficar grávida. Tal alegria só durou dois meses. O retorno ao médico foi bastante esperado por mim, pois era o dia em que eu iria ouvir o coraçãozinho do meu primeiro filho. Porém, o que ouvi foi o médico dizendo que não havia mais gravidez. O que parecia estar resolvido, em um instante, tornou-se impossível. Foi difícil o retorno, pois estava sozinha e distante de casa uns 70 km.

Após uns meses, resolvemos procurar uma clínica de fertilização em Belo Horizonte, onde fizemos três fertilizações *in vitro*, porém elas resultaram em três abortos espontâneos. As frustrações eram grandes e dolorosas.

Além do emocional, ainda havia a parte financeira, porque todo o tratamento não ficava barato. Mas a vontade de ser mãe era maior. Passado algum tempo, fazíamos tudo de novo.

Tínhamos programado para retornarmos a Belo Horizonte, onde era feito o procedimento, para início de março/2012. Não chegamos a ir, porque meu esposo teve um compromisso inadiável (acredito nas mãos de Deus agindo).

Em 6/3/2012, recebi uma ligação de uma senhora me informando que sua filha estava grávida e queria dar o filho em adoção, especialmente para mim. Fiquei perplexa. Expliquei a ela como seria todo o procedimento nesse caso e encaminhei para a Assistente Social, que confirmou realmente ser verdade o que me dissera.

Providenciamos imediatamente o requerimento para o cadastro de adoção. Havia, na lista de espera, apenas um casal, que, procurado pela Assistente Social, informou não mais querer a adoção, porque estavam querendo se separar.

Acompanhei o restante da gravidez (8º mês em diante). Agendei consulta com o meu médico e a levei para fazer novos exames. Desistimos das fertilizações e, em 7/4/2012, (Sábado da Aleluia) nasceu Fábio. Maior alegria não existia. Compramos tudo na correria, de última hora, pois meu esposo tinha receio de a mãe desistir antes mesmo do nascimento. O médico que fez o parto (meu ginecologista), logo após o nascimento do Fábio, ficou conversando e vendo as semelhanças que ele tinha comigo: o nariz e as mãos.

Vimos do hospital no domingo com o Fábio e a mãe biológica. Fomos direto ao Cartório para fazer o registro em seu nome, e a deixamos em sua casa.

Chegou a segunda-feira. Por volta das 8h30, recebi a ligação da avó biológica informando que sua filha não queria mais dar o filho em adoção. Fiquei sem chão. Comecei a rezar. Nesse momento, chegaram minha irmã e a família do meu esposo. Conversei com a genitora, e ela estava transtornada. Queria e queria o filho de volta. Eu disse a ela que jamais ficaria com ele se ela não quisesse dar. Meu esposo saiu e foi até sua casa para conversar com ela.

Daí veio a força da oração. Tinha ganhado um livro há poucos dias: *Maria passa na frente*. Comecei a orar e pedir para que fosse feito o melhor para a criança. Acho que nunca rezei tanto em toda a minha vida... Passados uns minutos, ela me ligou, com outro tom de voz (uma voz baixa, meiga, carinhosa...), dizendo que eu não precisava chorar mais porque ela não iria “tomar” a criança; que eu poderia ficar com ela. Eu nem acreditava. Meu esposo chegou para levarmos a criança até ela, quando ficou sabendo também da boa nova. Aquela criança seria mesmo o nosso filho. Foi só alegria naquele momento.

Os primeiros dias foram de muita apreensão, pois a mãe biológica me ligava umas quatro ou cinco vezes por dia para conversar assuntos diversos, sem falar sobre o filho. Mas, cada vez que o meu telefone tocava, o meu coração disparava, eu começava a chorar, desespero total. Tudo com medo que ela quisesse o filho de volta.

Acredito que tudo isso aconteceu devido à aproximação que tivemos. Ficávamos muito tempo juntas quando íamos ao médico ou quando íamos fazer exames em outras cidades.

Nesse período de acompanhamento do final da gestação, eu me sentia como se estivesse grávida. Já não sentia mais aquela vontade de engravidar... aquela “inveja” quando via uma mulher na rua com um barrigão.

Passaram-se dois meses, e, graças a Deus, no dia do meu aniversário (9/6/2002), já estava com a Certidão de Nascimento do meu filho em mãos: Fábio Rodrigues Silveira, filho de Nilson Ferreira da Silveira e Ana Maria Rodrigues.

Agora já podíamos pensar no batizado, padrinhos, comemoração... Era só alegria em nossos corações.

Após estarmos com os corações aquietados, fizemos nova inscrição para podermos adotar uma menina, entre quatro e seis anos de idade. O que nos levou a não querer adotar outra criança recém-nascida foi o medo de passar por tudo aquilo que passamos quando da adoção do Fábio.

Em 2016, fui procurada por uma moça, a qual tinha dado à luz uma menina, havia uma semana, perguntando se eu queria ficar com a filha dela, pois tinha separado do pai da criança

e não daria conta de cuidar da filha sozinha. Novamente expliquei que, se não quisesse sua filha, teria que procurar o Conselho Tutelar e a Assistente Social Judicial para as providências legais.

Havia seis casais na lista de pretendentes à adoção, sendo que eu e meu esposo estávamos no último lugar. Como nós havíamos feito inscrição para adotar menina entre quatro e seis anos, conversamos sobre a possibilidade de, em não havendo casal que a adotasse, nós a adotáramos.

No dia abençoado de 10 de agosto de 2016, a menor estava no Fórum com o Conselho Tutelar e a Assistente Social, quando, às 18 horas, ela foi entregue a mim, com 27 dias de vida, pois nenhum dos casais da lista a quis; uns porque queriam criança maior, e outros com receio de serem importunados pela genitora, que morava e ainda mora nesta cidade.

Liguei para o meu esposo e fomos embora para casa com Heloísa, para alegria nossa e do irmão Fábio, que já estava pedindo ao Papai do Céu uma irmãzinha. As mães biológicas dos dois são irmãs. Hoje somos uma família linda e muito feliz, com Fábio – oito anos – e Heloísa – quatro anos.

As mães biológicas residem na mesma cidade, e, às vezes, encontro com elas na rua, cumprimentando-as normalmente. A do Fábio, às vezes, me pede uma foto dele, e eu mando, sem problema algum.

Hoje não temos mais receio de nada, pois sabemos do tamanho do nosso amor por eles e, mais ainda, do amor deles por nós. Numa noite, após assistirmos a um vídeo que contava a história "o menino que não nasceu da barriga da mãe", escrito por Carmem Lúcia, eu e meu esposo contamos para os dois que eles não haviam nascido da barriga da mamãe e sim de uma outra mulher. Ambos perguntaram quem era a mulher e eu disse que não lembrava o nome, mas que em outro dia falaria com eles. Dissemos que a barriga da mamãe estava dodói e, por isso, eles não nasceram dela. Então, eram "filhos do coração".

